

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS- IECOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

ANA BEATRIZ DA CONCEIÇÃO PEREIRA

A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO QUILOMBO:
fauna silvestre e preservação das tradições ecológicas culturais na Comunidade Quilombola
de Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará

Bragança- Pará

2024

ANA BEATRIZ DA CONCEIÇÃO PEREIRA

A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO QUILOMBO:

fauna silvestre e preservação das tradições ecológicas culturais na Comunidade Quilombola de Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação de Ciências Naturais do Instituto de Estudos Costeiros da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciatura em Ciências Naturais.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria dos Santos Moraes-Ornellas

Bragança- Pará

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

ANA BEATRIZ DA CONCEIÇÃO PEREIRA

A RELAÇÃO HUMANO-NATUREZA NO QUILOMBO:

fauna silvestre e preservação das tradições ecológicas culturais na Comunidade Quilombola de Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Ciências Naturais, pela Universidade Federal do Pará-Campus de Bragança.

Data da aprovação: __/__/__4.

Orientadora: Profa. Dr. Valéria dos Santos Moraes-Ornellas

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Valéria dos Santos Moraes- Ornellas (Orientadora e Presidente da Banca)

Faculdade de Etnodiversidade/Campus/Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Nelane do Socorro Marques da Silva (Examinador Interno)

Instituto de Estudos Costeiros, IECOS, Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Lucinaldo da Silva Blandtt (Examinador Interno)

Instituto de Estudos Costeiros, IECOS, Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me conceder o dom da vida. Por ter me sustentado durante esta caminhada, com força e luz, mostrando que não há mérito na vitória sem luta. Obrigada Senhor, pelas graças conquistadas e oportunidades concedidas. A minha base, fonte de toda minha inspiração e incentivo, que sempre torceram e desejaram o melhor, e principalmente, por acreditarem em meu potencial e capacidade de progredir. E claro, por se orgulharem de mim. Minha felicidade se completa ao vê-los bem, e podermos juntos compartilhar momentos felizes de alegria e celebração pelas vitórias, que sem dúvidas é de todos nós, obrigada família!

E de modo muito especial, as pessoas que fazem meus dias serem mais floridos, por existirem em minha vida e ensinarem o melhor caminho a seguir, mostrando sempre o valor da humildade, generosidade e respeito com o próximo. A você minha querida vó Ivete, devo-lhe apenas agradecer por todo o seu amor, apoio e fortalecimento. Serás sempre minha inspiração, minha alegria contagiante e motivação diária. Ao meu grande amor, minha companheira e amiga, minha mãe querida, lhe agradeço por sempre estar ao meu lado, educando, se preocupando e dividindo momentos felizes e ao mesmo tempo angustiantes. Me orgulho em ser filha de uma mulher tão forte e corajosa, que sempre se esforçou para ver a felicidade de suas filhas, Bia e Bianca, agora também de sua neta Sofia.

Obrigada mãe, obrigada vó, por terem segurado minhas mãos e me conduzido até aqui. Seus conselhos, orações e apoio tornaram-me este grande ser, assim como vocês, mulheres fortes, guerreiras e batalhadoras, fonte do meu viver.

A minha prezada e querida orientadora, Valéria dos Santos Moraes-Ornellas, pela sua dedicação e parceria, que foi além de professora e orientadora, que me acolheu desde que nos conhecemos, formando assim, um laço forte e saudável de uma grande amizade. Por nunca ter medido esforços para me ajudar e executar este trabalho. Meu muitíssimo obrigada, especialmente pelos ensinamentos, compreensões, incentivos e paciência. És uma pessoa incrível, e terás sempre o meu respeito, pois todos os momentos compartilhados foram fundamentais para o meu profissionalismo.

Aos colegas de curso que se fizeram presentes neste percurso acadêmico, onde trilhamos e compartilhamos dificuldades, mais também muitos sonhos, afetos e brincadeiras extrovertidas, tornando nossos dias mais leves e cheios de esperança. A todos, meu muito obrigada pelo acolhimento e carinho de sempre!

Agradeço também à Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará (UFPA), do campus Bragança, por ter aberto as portas e oportunizado fazer parte deste espaço, transformando meu sonho numa grande realidade. E claro, aos docentes do presente curso, que se empenharam para que eu obtivesse uma formação digna e de qualidade.

Por fim, agradeço ao meu Quilombo Jacarequara, onde se fazem presentes minhas raízes, cultura e histórias de vida. Orgulho-me em Ser e Pertencer a um povo de luta e resistência. Continuarei a caminhar, com este sentimento de Pertencimento e Gratidão a tudo e a todos. **OBRIGADA!!!**

RESUMO

As comunidades quilombolas assumem um importante papel dentro da sociedade. Especialmente em se tratando da preservação dos valores e da identidade e conservação da biodiversidade, por serem os quilombos lugares históricos, com diversidade ecológica cultural relevante dentro do patrimônio da humanidade. Por meio dessas tradições, é possível reconhecer saberes e fazeres que ainda se fazem presentes, mesmo diante das ameaças à sua permanência manifestadas dentro dos territórios. A presente pesquisa trata de um estudo realizada no Quilombo do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, entre dezembro de 2019 e dezembro de 2023, visando, por meio de uma abordagem da ecologia cultural, ampliar estudos sobre as relações do ser humano com a natureza. Os resultados foram coletados por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas, com os moradores do referido Quilombo. Para isso, as etapas da pesquisa se deram através primeiramente de diálogos com pessoas mais velhas da comunidade, aquelas que detém dos conhecimentos e experiências agregadas do passado. Posteriormente, realizou-se com os moradores mais jovens que ainda caçam, vistos como detentores das práticas de captura de animais silvestres. Para finalizar, foi realizada uma ação educativa na escola, a fim de causar interações da pesquisa com o ensino das gerações mais novas. Segundo os moradores mais antigos, algumas espécies eram caçadas no passado para comer, como: tatu, guariba, macaco, quati, caititu, queixada, veado, anta, paca, cutia, jabuti, jacaré, mutum e jacu. A carne de caça não era vendida, pois servia apenas para subsistência. Uma das entrevistadas afirmou que esses animais desapareceram, mas, outros moradores indicam locais de ocorrência de alguns mamíferos e aves, bem como métodos de captura por eles empregados nas caçadas. A fauna ainda se concentra nas áreas florestadas remanescentes, principalmente às margens do rio Guamá, do rio Jacarequara Grande e do igarapé Jacarequarazinho. Dentre os mamíferos, são mencionados atualmente: tatu (mais do que uma espécie), macaco, quati, caititu, veado, paca, cutia, capivara, dentre outras. Papagaios, arãncuã, mutum, jacú e jatuacú são aves também citadas nas entrevistas. As crianças na escola mostraram interesse e aceitação da ação pedagógica em torno da biodiversidade local, a partir da qual foi possível fazer uma aproximação entre conteúdo da disciplina de Ciências e o contexto local. Pode-se considerar que, de maneira geral, existe uma tomada de consciência na comunidade sobre a necessidade de respeitar os rios, suas matas ciliares e a fauna silvestre associada. Mas, os moradores mais antigos sugerem ter havido sérias perdas do conhecimento tradicional que garantia relações mais saudáveis da comunidade com o meio natural. Por esse motivo, eles têm trabalhado de maneira cooperativa em projetos que envolvem: agroecologia, memória biocultural e identidade quilombola.

Palavras-chave: Fauna silvestre; caça de subsistência; etnoecologia; povos e comunidades tradicionais; Amazônia.

ABSTRACT

Quilombola communities play an important role in society. Especially when it comes to preserving values and identity and conserving biodiversity, as quilombos are historical sites with significant ecological and cultural diversity as part of humanity's heritage. Through these traditions, it is possible to recognize knowledge and practices that are still present, even in the face of threats to their permanence manifested within the territories. This research is a study carried out in the Quilombo of Jacarequara, in the municipality of Santa Luzia do Pará, between December 2019 and December 2023, with the aim of expanding studies on the relationship between human beings and nature using a cultural ecology approach. The results were collected through participant observation and semi-structured interviews with residents of the Quilombo. The research was conducted through dialogues with the older members of the community, those who have the knowledge and experience from the past. Subsequently, discussions were held with the younger residents who still hunt, and who are seen as the owners of the practice of capturing wild animals. Finally, an educational event was organized at the school to make the research interact with the teaching of younger generations. According to the oldest residents, some species were hunted in the past for food, such as: armadillo, guariba, monkey, coati, caititu, peccary, deer, tapir, paca, agouti, jabuti, caiman, curassow and jacu. Game meat was not sold, as it was only used for subsistence. One of the interviewees said that these animals have disappeared, but other residents indicate where some mammals and birds occur, as well as the methods of capture they use when hunting. The fauna is still concentrated in the remaining forested areas, mainly on the banks of the Guamá river, the Jacarequara Grande river and the Jacarequarazinho stream. Among mammals, the following are currently mentioned: armadillo (more than one species), monkey, coati, caititu, deer, paca, agouti, capybara, among others. Parrots, arãncuã, curassows, jacú and jatucú are also birds mentioned in the interviews. The children at the school showed interest in and acceptance of the pedagogical action around local biodiversity, from which it was possible to bring together the content of the Sciences discipline and the local context. It can be considered that, in general, there is an awareness in the community of the need to respect the rivers, their riparian forests and the associated wildlife. However, the older residents suggest that there has been a serious loss of the traditional knowledge that guaranteed healthier relations between the community and the natural environment. For this reason, they have been working cooperatively on projects involving agroecology, biocultural memory and quilombola identity.

Keywords: Wildlife; subsistence hunting; ethnoecology; traditional peoples and communities; Amazonia.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1-** Artesã na limpeza da argila para a fabricação de cerâmicas, com a ajuda do seu neto, em um claro exemplo de transferência de saberes e fazeres entre gerações..... 23
- Figura 2** – Dona Ivete, 70 anos, uma das entrevistadas..... 25
- Figura 3** – Extrativismo do Murumuru (*Astrocaryum murumuru*) no Quilombo de Jacarequara..... 27
- Figura 4** – Margens do rio Guamá, um dos locais onde a fauna se concentra..... 31
- Figura 5** – Atividade na área externa da escola do Quilombo Jacarequara..... 35
- Figura 6** – Gravuras de animais distribuídos para os discentes da escola..... 36
- Figura 7** – Discentes desenhando animais silvestres, como parte da atividade proposta..... 37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3	OBJETIVOS.....	20
3.1	Objetivo Geral.....	20
3.2	Objetivos Específicos.....	20
4	MATERIAL E MÉTODOS.....	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
5.1	A Fauna Silvestre em Relatos da História por Moradores mais Velhos.....	22
5.2	A Fauna Em Relatos de Moradores que Caçam.....	28
5.3	Relato da Experiência no Ambiente Escolar.....	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O processo histórico-cultural das Comunidades Quilombolas caracteriza-se por conquistas nas relações de resistências e por fortalecimento sociocultural das populações afrodescendentes. Esses territórios são frutos da luta coletiva contra o sistema opressor e escravagista desenvolvida no país brasileiro. No que diz respeito aos povos quilombolas, Salomão e Castro (2018) enfatizam que, apesar das lutas por direitos sociais e territoriais destes sujeitos, tão ligados a uma história compartilhada de resistência e exploração, embora acompanhada da abolição da escravatura, não lhes trouxe a conquista da garantia dos direitos em definitivo, ficando eles à mercê da sociedade e de práticas desumanas.

À medida que a sociedade vai se desenvolvendo, crescem também desafios que merecem ser pautados e combatidos para o fim do preconceito racial, da discriminação e de qualquer ato que venha impor-lhes algum tipo de restrição. O período da escravidão no Brasil, acompanhado das fugas, foi marcado por grandes desafios enfrentados pelos quilombolas, possibilitando haver a formação de sua própria história, como também da sociedade brasileira. A existência dessas populações torna necessário que se lhes garanta o direito à terra e à cidadania, como parte da identidade, da preservação etnocultural (LEITE, 2000; MASCARENHAS *et al.*, 2024; SANTOS *et al.*, 2023) e da valorização de patrimônios alimentares saudáveis e sustentáveis (SILVA, 2022).

Os remanescentes de quilombos são vozes da resistência, pois permitem valorizar suas tradições deixadas pelos ancestrais, fortalecendo os costumes atuais e garantindo a manutenção da etnodiversidade. O fortalecimento dessas comunidades perpassa entre gerações, sendo seus conhecimentos possíveis de serem compartilhados, estabelecendo conexões no processo histórico-cultural, com grande importância no âmbito social (FURTADO *et al.*, 2014). A identidade étnica é a essência que ressignifica e transforma os fundamentos, relacionando suas particularidades aos sujeitos pertencentes àquele ambiente. Essa identidade, ao ser conceituada, reflete em vários aspectos, e estimula na valorização dos indivíduos, ao afirmarem que: “ser quilombola nos dias atuais significa ressemantizar no presente uma luta histórica de conquista, de permanência ou de retorno a uma territorialidade, e uma luta futura, para a permanência e vivência dos grupos.” (MARQUES, 2009, p. 363). A relação de pertencimento, seja em determinado grupo, ou mesmo no espaço territorial, caracteriza-se na expressão da própria identidade étnica e da territorialidade, como fonte de fortalecimento e construção entre povos quilombolas. Nestes espaços, eles/as se confrontam, se relacionam e desenvolvem medidas em prol da cidadania e do bem comum. (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002;

AGOSTINI, 2020; ARAÚJO, 2020; PIMENTEL; SILVA, 2022). A importância de tais territórios reflete fortemente no que tange à construção étnico-racial, naquilo que são e buscam desempenhar por meio de suas práticas e vivências cotidianas (OLIVEIRA; PEIXOTO, 2020).

Nesse sentido, em se tratando das manifestações de aspectos etnoculturais, o surgimento das comunidades tradicionais evidencia-se na estruturação e desenvolvimento dessas populações. Segundo Anjos (2003), os remanescentes dos chamados quilombos, também conhecidos e denominados como “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidades quilombolas” ou mesmo “terras de preto”, são marcas registradas da presença dos povos originários, que viveram e promoveram modos tradicionais e culturais dentro de suas terras. São espaços com diferentes denominações, mas também com o mesmo significado, ou seja, trata-se de um patrimônio territorial e cultural inestimável, apesar das limitações nas políticas públicas que ainda persistem (MARQUES; BERNARDES; BORSAGLI, 2022).

Desses povos, os costumes trazidos da África, são mantidos e fortalecidos, diversificando suas práticas, seja na medicina tradicional, religião, artesanato, agricultura, dentre tantas outras relações comunitárias, utilizando-se da terra. Mediante a isso, se expressa a identidade cultural e tecnológica, contemplando os recursos que os mantém. Essa conexão entre sujeito e natureza integra-se nos registros pela memória, podendo ela ser individual ou mesmo coletiva, permeando na diversidade dos saberes e conhecimentos tradicionais (MALCHER, 2006). Na preservação dos costumes e modos de vida, essas comunidades diversificam nas contribuições, manutenção da etnobioidiversidade e nas práticas culturais (DIEGUES, 2008). Os valores estão interligados às relações da culturalidade, por isso, torna-se relevante conhecer e estabelecer a existência dentro dos aspectos patrimoniais.

Em se tratando da cultura quilombola, no âmbito social, ela se manifesta por meio de costumes, hábitos e modos de sobrevivência, onde os valores e princípios estão vinculados de forma simbólica e de maneira afetiva aos grupos existentes (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014). Esses são povos que criam e recriam no cotidiano relações de fortalecimento e cuidado com seu patrimônio territorial. Em tal patrimônio, integram-se os saberes com práticas de conservação ambiental e cultural (OLIVEIRA; PEIXOTO, 2020; SILVA, 2022).

No que tange a essa especificidade, Leite (1990), ressalta ser o território:

Um espaço demarcado por limites, reconhecido por todos que a ele pertencem, pela coletividade que o conforta. Um tipo de identidade social, construído contextualmente e referenciado por uma situação de igualdade na alteridade. O território seria, portanto, uma das dimensões das relações interétnicas, uma das referências do processo de

identificação coletiva. Imprescindível e crucial para a própria existência do social. Enquanto tal pode ser visto como parte de uma relação, como integrante de um jogo. Desloca-se, transforma-se, é criado e recriado, desaparece e reaparece. Como uma das peças do jogo de alteridade, é também e, principalmente, contextual. No caso dos grupos étnicos, a noção de território parece ser tão ambígua como a própria condição dos grupos e talvez seja justamente o que acentua o seu valor defensivo. (LEITE, 1990, p. 40).

Compreende-se que, a partir destas relações, estes sujeitos se estruturam, afirmam seus costumes, garantindo sua valorização e de suas organizações sociais e econômicas. De acordo com Cunha-Junior (2012), é por meio de sua valorização que a cultura negra se destaca, sendo reforçada através de uma cultura com valores, sejam eles coletivos e comunitários, estabelecendo relações de permanência e cuidado com o patrimônio territorial. Os povos remanescentes de quilombos, além de desenvolverem práticas agregadas de seus antepassados, compartilhando os saberes étnicos, naturais e tradicionais, realizam construtivamente modos de preservação dos recursos ainda presentes nas áreas ocupadas pelas populações que lutam e defendem as diversas ações destinadas à conscientização e à relação com a ecologia cultural. São, portanto, fundamentais estudos e ações que proponham resistência à exclusão dos modos de vida quilombolas pelas políticas públicas, à carência de uma educação alinhada às práticas tradicionais das comunidades e a revalorização dos elos subjetivos com a natureza (MORAES-ORNELLAS; SANTOS; FERNANDES, 2023).

Inserida em tal contexto étnico cultural, a Comunidade Quilombola do Jacarequara, localizada no município de Santa Luzia do Pará, destaca-se por suas características e práticas relacionadas ao meio natural, seja com relação aos animais silvestres e às plantas, como também de subsistência, estando elas agregadas aos variados costumes. Estes espaços são marcados pelo contato com a terra, onde se produz uma agricultura familiar capaz de fortalecer e promover métodos para garantia da sobrevivência e de atividades econômicas. Um contato desse tipo é descrito por Borges, Silva e Rodrigues (2021), que relatam como, no Quilombo de Bailique Centro - PA, seus membros se mantêm organizados e se relacionam com o ambiente natural. Isso se dá a partir do desenvolvimento de projetos e atividades exercidas com a agricultura familiar e seus manejos, os quais geram uma economia que os possibilita estabelecer, além de renda, a colaboração em prol de um equilíbrio ambiental e um ambiente sustentável. Essa relação com o meio reflete positivamente na construção do conhecimento, de saberes culturais e ambientais, permitindo haver o cuidado com os alimentos, sendo estes de qualidade e produzidos de maneira sustentável, melhorando assim a vida das populações (SILVA, 2022).

O Quilombo de Jacarequara, por manter esse contato de relação e aproximação com a diversidade ecológica, cria manejos próprios de preservação da fauna, reconhecendo seus

espaços, cultivando e respeitando o ambiente local. Em se tratando dessa etnoculturalidade, Pereira e Moraes-Ornellas (2021) propõem a importância da ecologia cultural desse quilombo na perspectiva de construir saberes por meio das práticas desenvolvidas ao longo de sua história. Para este povo, atividades realizadas coletivamente na agricultura tem uma forte significância, já que há o envolvimento e compartilhamento entre homens e mulheres na relação com a terra, estabelecendo um aprimoramento na prática das atividades no roçado. Essa ligação entre os membros resulta em benefícios comuns a todos, pois o exercício da cooperação, seja entre familiares ou também nos mutirões, facilita o andamento das atividades comunitárias. Em suma, compreende-se que, dentro dessas localidades, em especial de Jacarequara, existem sinais que se referem à existência dos costumes, habilidades e formas de habitação dos seus moradores, valorizando aquilo que os circundam. Dentro disso, há a relação dos quilombolas com o ambiente, onde as plantas e os animais fazem parte da sua vivência cotidiana. Por isso mesmo, os membros da comunidade vêm mantendo vínculos de sobrevivência e de preservação dos recursos naturais ainda existentes, desenvolvendo projetos, de maneira cooperativa, em torno de agroecologia, memória biocultural e identidade quilombola (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS; ORNELLAS, 2022).

A presença da cultura da caça no Quilombo reflete principalmente a interação destes sujeitos com o meio natural, já que, desde os povos ancestrais, já a praticavam e usufruíam desses bens naturais. No entanto, ações de desmatamento e exploração ameaçam não só a biodiversidade, mas também a capacidade de aprender e conhecer os elementos da natureza. (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS, 2021). Importantes aspectos dessa relação sociedade-natureza são perceptíveis na Comunidade Quilombola de Jacarequara, o que gerou o interesse em estabelecer relações de aproximação às suas realidades. Sendo assim, traçaram-se linhas de pesquisa por observação-participante, através da abordagem da ecologia cultural, visando compreender processos de construção da identidade étnica, social, histórica e cultural. Pretende-se, enfim, estudar a relação de tais processos com a ressignificação dos costumes e valores, como ato de fortalecimento, de preservação das tradições e de valorização dos povos remanescentes de Quilombo. O presente trabalho aprofunda estudos já realizados, tendo como enfoque principal o uso dos recursos da caça para a subsistência, a conscientização ambiental e a educação das futuras gerações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A relação do ser humano com a natureza, nas comunidades tradicionais, reflete nos costumes e tradições, muitos dos quais são vivenciados desde os antepassados, permeando a cultura local de tais influências. Uma relação desse tipo existe em torno da prática da caça, que faz um importante elo entre os caçadores quilombolas e o seu meio, pois, eles integram, demonstram e convivem em seu cotidiano com diversos saberes relacionados aos animais silvestres (FIGUEIREDO; BARROS, 2016). Nas localidades das zonas rurais, a fauna é preservada como elemento primordial da subsistência das famílias, sendo, portanto, a base cultural e econômica desses grupos. Isso porque, assim como Begossi (2013) propõe, o conhecimento ecológico tradicional é apreendido por meio das interações e do contato direto com os sistemas naturais, partindo das observações diárias sobre as relações ecológicas com elementos essenciais dos recursos florestais associados à dependência econômica e social dos grupos humanos. Pode-se dizer que a sobrevivência básica está associada aos hábitos e escolhas alimentares, construídos por importantes elementos simbólicos dos indivíduos. (FIGUEIREDO; BARROS, 2016).

A fauna silvestre é fonte nutricional essencial para o desenvolvimento e sobrevivência dos povos e comunidades rurais, dentre os quais, muitos preservam práticas de conservação e conscientização ambiental. A caça, portanto, é considerada uma garantia na Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), como base para o autoconsumo de alimentos sustentáveis (FIGUEIREDO; BARROS, 2015). Pode-se dizer que ela seja uma das práticas mais comuns de uso dos recursos naturais. A cultura das comunidades tradicionais neste âmbito, reforça as relações de pertencimento com o meio, a depender diretamente desses animais, aliando a fonte de subsistência, como complementação e necessidade alimentícia das famílias na obtenção de proteína de origem animal (BARBOSA, 2020). São essas caças que possibilitam aos povos Quilombolas a garantia de uma alimentação variada, dando importância aos conhecimentos adquiridos, valorizando significativamente os saberes sobre as práticas ancestrais (SOUSA *et al.*, 2020). Esses conhecimentos, por sua vez, são transmitidos de geração a geração, especialmente através das tradições orais e por observações de familiares que praticavam ou ainda praticam essas atividades.

Os recursos ambientais utilizados pelo ser humano integram estratégias de sobrevivência desde a pré-história. Em se tratando dessa relação, Ribeiro *et al.* (2007) ressaltam que essa utilização é comumente praticada nas comunidades Quilombolas, sendo o sustento provido do extrativismo vegetal e animal, possíveis de atenderem as necessidades da família. Cada povo Quilombola possui maneiras próprias de se relacionar com o meio ambiente, formas

particulares de manusear a terra e escolhas de elementos extraídos da natureza, para cuja extração, eles dispõem de suas práticas, vivenciadas nos espaços cotidianamente (SOUZA *et al.*, 2020). Assim, a relação dos Quilombolas com o espaço natural, onde se criam, recriam e estabelecem conhecimentos acerca da agricultura, da caça e até mesmo das atividades ligadas à economia local, são importantes elementos de sobrevivência, que dão direito a uma vida digna e ao enfrentamento da vulnerabilidade nutricional. A caça é também instrumento de representatividade, reprodução dos costumes e práticas interligadas às crenças culturais desses povos (MELO, 2017).

De acordo com Figueiredo e Barros (2016), a

[...] caça está inserida numa rede de escolha e utilização de alimentos altamente influenciada pelos padrões ecológicos, econômicos e culturais que regem seu contexto social. No entanto, tem-se pouco conhecimento sobre os diferentes aspectos que estruturam e regulam o uso da fauna silvestre em práticas alimentares, especialmente entre os povos tradicionais do Brasil. Tem-se uma grande carência de estudos que incorporem melhor a compreensão da caça como uma atividade que estabelece conexões entre a ordem material e imaterial nos modos de apropriação da natureza, tendo em conta que as relações dos seres humanos com seus ambientes abrangem questões de ordem perceptiva, cognitiva e prática sobre o território [...]. (FIGUEIREDO; BARROS, 2016, p. 692).

Neste sentido, esses tipos de relações e de conhecimentos múltiplos dos povos tradicionais integram-se no convívio e nas práticas relacionadas à ecologia cultural e patrimonial, garantindo assim, a preservação da biodiversidade. Dessa forma, as atividades ligadas à natureza permitem relacionar aspectos da fauna e flora com formas de organização e tecnologias de uso dos recursos naturais por esses grupos sociais, dando ênfase a extração e uso que são mais sustentáveis do que a extração e uso da sociedade capitalista, seja ela urbana ou rural. Os povos originários e as comunidades tradicionais, portanto, possuem papéis indispensáveis no cuidado e na manutenção da natureza, de modo a serem vistos como importantes agentes de proteção e defesa ambiental, contribuindo significativamente na preservação dos recursos naturais (MORAES-ORNELLAS, 2022; MORAES-ORNELLAS; ORNELLAS, 2023).

Embora muitos desses espaços estejam em constantes ameaças, havendo riscos à ação humana e possibilidades de extinções de etnoespécies, ainda assim, se faz necessário desenvolver práticas de demarcação e proteção territorial. Nessa abordagem, Silva *et al.* (2010), ao estudarem o Quilombo Morro do Boi - SC, expõem um conjunto de relações, hábitos, e tradições históricas para com o meio ambiente, ainda desenvolvidos pelos Quilombolas da região. Quando os autores tratam da dependência dos recursos naturais pela sociedade humana,

percebe-se haver fortes perdas da biodiversidade, ocasionadas pela exploração e o desmatamento, levando assim à redução da mata nativa. Ações como estas trazem também problemas relacionados a diminuição dos animais silvestres, tendo seus habitats devastados e ameaçados por tais ocorrências. Além do que, os problemas tornam-se socioculturais, uma vez que a caça, para tais comunidades, é a garantia de uma alimentação eficaz, onde a carne e atividades ligadas a agricultura são importantes fontes nutricionais e de subsistência.

No entanto, existe a necessidade de se assegurar que a exploração de animais silvestres para consumo mantenha bases ecologicamente sustentáveis. Voltado a isso, Barbosa (2020), em sua pesquisa no assentamento do Arapuã - PA, tratando de questões relacionadas às dependências dos moradores para com a fauna silvestre, discute fatores que causam destruições irreversíveis, os mais comuns, sob influência das ações de desmatamento, que alteram o ambiente e o habitat dos animais silvestres. Dentre esses impactos, a captura excessiva de exemplares da fauna ocasiona sérios riscos e redução da população de várias espécies, impossibilitando o funcionamento e manutenção dos ecossistemas. A exploração em excesso, além de trazer graves prejuízos aos recursos florestais, desequilibra a qualidade de vida das pessoas, as quais necessitam da caça para o seu sustento, o que, portanto, compromete as condições de sobrevivência humana (OLIVEIRA *et al.*, 2004).

Dentre essas problemáticas, o comércio ilegal se caracteriza também como fator que ocasiona a ação predatória humana sobre os animais silvestres, os quais possuem grande importância na manutenção dos ecossistemas (BARBOSA *et al.*, 2010). Outros fatores adicionais de interferência nas áreas de preservação são os fazendeiros e suas ações, as quais prejudicam a fauna silvestre e a flora, conforme demonstrado por Santos (2022), no Quilombo do Torres, Tracuateua – PA. Por outro lado, quando essa prática é executada de forma ecologicamente consciente, ela contribui expressivamente para a sustentabilidade socioambiental. Sendo assim, é importante que a caça, enquanto atividade de subsistência, exercida de maneira ecologicamente sustentável, por povos originários e comunidades tradicionais, possa ser compreendida e mantida em suas bases originais, envolvendo inclusive a educação (MORAES-ORNELLAS, 2020). Pois, esse tipo de caça é desenvolvido por agentes que dependem de tal recurso, como um patrimônio material, que é bastante eficaz na manutenção da vida.

Nesse sentido, é bastante relevante pensar nas modificações alimentares que, como fruto de um processo oriundo da modernização, ocasionada pelos avanços industriais, tem causado uma série de complicações à saúde humana e perda cultural associada às atividades de

subsistência. A transição alimentar, assim como a nutricional, reflete nas grandes mudanças nos hábitos alimentares dos indivíduos, uma vez que o consumo de produtos industrializados resulta nas alterações comportamentais, ocasionadas pelos padrões econômicos e a globalização (NAVAS *et al.*, 2015). Dessa maneira, tendo em vista a praticidade dos alimentos encontrados nos supermercados, eles têm sido preferidos aos extraídos da natureza, porém, seu consumo gera complicações à saúde humana, já que tais produtos são fornecidos sem a qualidade adequada para o consumo. Nesta perspectiva, compreende-se que comida também é cultura, estando relacionada a diversos comportamentos ligados à espiritualidade, tradicionalidade e representações sociais.

Em se tratando da tradicionalidade, a caça costuma ser realizada com mais frequência pelo homem, enquanto as mulheres exercem funções no tratamento e preparação da carne, a qual serve então como alimento para sua família, do que se percebe haver em torno dela as devidas divisões e organizações das tarefas (TEIXEIRA, 2018). As mulheres também possuem um papel fundamental por acompanhar seu companheiro durante a atividade, além da responsabilidade que lhes compete no cuidado e preparo do alimento para o consumo (FIGUEIREDO; BARROS, 2016). Nessa perspectiva, Pezzuti *et al.* (2018), sugerem que essa prática tem importante reconhecimento social, sendo as mulheres mediadoras nessas tradições, propiciando laços, sejam eles comunitários, como também entre familiares. Essa organização tem como hábito a preservação dos conhecimentos herdados, podendo estes serem transferidos. Geralmente, esse contato vem desde a infância, seja por meio das observações, ouvindo relatos de seus familiares, sobre as técnicas e manuseio das ferramentas, bem como sobre as espécies caçadas e seu habitat. A prática ilegal da caça, ocorrida especificamente nas localidades da zona rural, é também compreendida como uma questão antiga e cultural (OLIVEIRA, 2018), sendo a base familiar o principal dinamizador neste processo de aprendizagem.

Os povos Quilombolas, embora sintam-se ameaçados pela escassez dos recursos faunísticos utilizados como fonte de subsistência, mantêm seus costumes, crenças e hábitos, estabelecendo relações com o meio ambiente e preservando a cultura patrimonial e identitária. Santos (2014), ao contextualizar as relações entre homem-natureza, compreende que, aos povos e comunidades tradicionais, compete traçar saberes e práticas, os quais derivam dos costumes da ancestralidade. Esses conhecimentos perpetuam a ecologia cultural e a organização social, contribuindo com a manutenção de várias relações socioambientais. Em se tratando deste aparato conceitual, Santos (2020, p.2) reitera ser o método da ecologia cultural, “a análise do homem e do seu ambiente através dos processos de utilização de recursos materiais e imateriais

por populações humanas”. Assim, essas relações ecológicas promovem a associação do ser humano com a natureza, mantendo a interdependência entre diversos elementos dinâmicos e transacionais. Dentro disso, a transmissão desses conhecimentos está atrelada ao domínio das práticas e das habilidades utilizadas, dentre as quais, há muitas que são as mais eficazes na captura e obtenção da caça. Inclusive, partindo de técnicas apropriadas, pode-se utilizar de recursos confeccionados artesanalmente, a fim de facilitar a caçada. Então, por meio da transmissão oral, da aprendizagem adquirida por observação direta e/ou pelo ensino em ambientes escolares e não-escolares, torna-se possível contribuir com a continuidade de tais práticas culturais, subsidiando a manutenção da fauna e da flora associada a ela (MORAES-ORNELLAS, 2020).

De acordo com Trinca (2004), existem padrões culturais, entre os povos e comunidades tradicionais, que, ao desenvolverem esse tipo de atividade, podem ser considerados fontes de conhecimento empírico sobre a fauna silvestre, incluindo tipos de espécies e períodos do ano mais adequados para a captura de cada uma delas, caracterizando fatores relevantes, como por exemplo, a quantidade que é possível explorar sem que haja depleção das populações de animais. É importante enfatizar que os recursos faunísticos são importantes agentes de conservação e manutenção dos ecossistemas. Além do que, ao se estabelecerem conexões entre ser humano/natureza, criam-se mecanismos vinculados a aspectos socioculturais e econômicos dos povos tradicionais que merecem ser preservados. Tal preservação possibilita agregar conhecimentos que sustentam os saberes ancestrais, garantindo ainda mais a preservação da biodiversidade local. Essa interdependência implica na utilização e valorização dos elementos naturais, uma vez que há variáveis formas de extrativismo que sustentam, seja a caça, a pesca, frutas, madeiras e tantos outros recursos florestais (BARBOSA *et al.*, 2010).

Assim, a relação original dos povos Quilombolas com o meio natural garante a proteção do território e a construção da identidade étnico-cultural baseada nos saberes e práticas tradicionais, permitindo aprimorar os modos de vida nos Quilombos. Por compreender essa importância, o presente estudo busca tratar de aspectos da etnobioidiversidade, dando ênfase aos recursos faunísticos e sua predominância nos saberes tradicionais e culturais da Comunidade Quilombola de Jacarequara. Parte-se do pressuposto que é possível desenvolver práticas significativas, relacionadas à caça silvestre, partindo do conhecimento de como ela foi e é ainda realizada pelos moradores. Ademais, o mesmo conhecimento adquirido, por meio da pesquisa, consistirá certamente em uma rica fonte de informações para o ensino de Ciências e a Educação Ambiental na escola local. O trabalho se baseia, portanto, na percepção de que o cuidado com

o meio ambiente está atrelado ao seu uso responsável e à sua conservação, visando à sustentabilidade tanto dos recursos naturais disponíveis, quanto do grupo social Quilombola.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Compreender a relação humano/natureza, com foco nos saberes tradicionais sobre os animais silvestres, fortalecendo a identidade ecológica cultural e a preservação da etnobiodiversidade e aproximando a educação escolar dos saberes e práticas tradicionais.

3.2 Objetivos Específicos

- Analisar aspectos culturais e de fortalecimento da identidade Quilombola, com embasamento teórico da Ecologia Cultural;
- Valorizar os saberes ancestrais, compilando conhecimentos dos moradores mais antigos do Quilombo, com ênfase em atividades de caça;
- Identificar práticas e técnicas que sustentam a utilização da fauna silvestre, analisando o estado dessa relação do ser humano com a natureza atualmente;
- Discutir e aprimorar a conservação do etnoconhecimento e da biodiversidade, trabalhando aspectos do conhecimento tradicional sobre a fauna e a natureza em geral na Educação Básica.

4 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi desenvolvido na Comunidade Quilombola de Jacarequara, localizada no município de Santa Luzia do Pará, às margens do Rio Guamá, na divisa do município de Capitão Poço – PA. Nesta localidade, concentram-se moradores sendo eles: adultos, jovens e crianças, os quais detêm de uma rica coleção de conhecimento ecológico cultural tradicional (PEREIRA; MORAES-ORNELLAS, 2022). Historicamente, o Quilombo denominado Jacarequara, ficou assim conhecido pela existência de muitos jacarés que comumente ficavam expostos à luz solar, sob grandes pedras. Esse comportamento originou-se no que hoje se conhece como Jacarequara, a partir da presença abundante que havia de jacarés a “quarar” às margens do rio Guamá localmente (VASCONCELOS; JOB, 2014). Porém, atualmente, devido a muitas influências da ocupação antrópica adjacente ao Quilombo, não se

encontram mais jacarés no trecho do rio que cruza a comunidade. Mesmo assim, a origem do nome é recontada sempre pelos moradores mais velhos.

As práticas de subsistência locais contêm muitos elementos sustentáveis, de caráter social, econômico e cultural, estando relacionadas ao conhecimento ecológico do que significa na prática o termo sustentabilidade, assegurando a produtividade nutricional, interconectada às práticas cotidianas. O Quilombo de Jacarequara possui, entretanto, ligações com o meio urbano, pois seus moradores necessitam do acesso continuado à educação e saúde, que os possibilitem direitos a uma vida digna, sob condições essenciais de existência. Para o acesso e deslocamento, comumente utilizam-se da estrada vicinal, que faz conexão às cidades mais próximas - Santa Luzia, Capitão Poço e Ourém. Estes municípios são tidos como os mais frequentados pelos moradores, que trafegam também por meio do transporte fluvial, sendo o Rio Guamá, o berço principal para este tipo de locomoção, permitindo chegar às comunidades vizinhas (AVIZ, 2022).

A pesquisa foi realizada, entre dezembro de 2019 e dezembro de 2023, sendo possível desenvolver atividades de campo, fazendo-se uso de procedimentos metodológicos de caráter qualitativo, envolvendo coleta de dados por observação participante e entrevistas semiestruturadas. Este método possui uma funcionalidade peculiar e propõe, durante a investigação, uma aproximação com o entrevistado, visando conhecer melhor a realidade e a situação estudada (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017). Inicialmente, o procedimento se caracterizou pela obtenção de dados com moradores mais velhos do Quilombo. Para isso, utilizou-se do termo “conversas”, com intuito de facilitar a mediação, deixando-os mais confortáveis, de acordo com o que foi planejado, partindo de perguntas flexíveis, e de fácil entendimento. Após esse grupo, composto por cinco moradores, foi realizada nova rodada de “conversas” com membros da comunidade, os quais tradicionalmente preservam práticas e hábitos de caça na localidade, sendo também detentores do conhecimento tradicional nessa área. Durante a conversa com eles, pode-se perceber modos de vida e costumes ainda preservados, percebendo-se, portanto, que o método de obtenção das informações foi bastante eficaz.

As atividades de campo eram sempre anotadas no diário de campo, possibilitando registrar acontecimentos, falas, fatos e qualquer situação relevante na qual a temática de estudo estivesse pautada. Além deste instrumento, foi fundamental o uso do aparelho celular utilizado para gravação, sendo este realizado a partir do consentimento e autorização dos entrevistados. Posteriormente, as conversas foram transcritas, para melhor compreensão e detalhamento. Antes de iniciar cada conversa, era esclarecido aos participantes detalhadamente o objetivo da

pesquisa, sendo sanadas as possíveis dúvidas e explanadas as contribuições da proposta para o Quilombo.

A presente pesquisa foi também desenvolvida na escola, que fica localizada dentro da comunidade, por meio de uma atividade prática com os discentes das turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, no dia 08 de dezembro de 2023, a fim de correlacionar teoria e prática, bem como de trabalhar os conhecimentos tradicionais com as crianças. A atividade foi de extrema importância, pois permitiu haver trocas de experiências e possibilitou que fossem feitas aproximações de conteúdos escolares com a realidade local, além de expor quais são desafios educacionais existentes. Considerando sua relevância no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, buscou-se envolver os professores da rede pública na atividade proposta, com intuito de incentivá-los a compreender, analisar e refletir sobre seus métodos de ensino, nos quais podem contextualizar a interdisciplinaridade, através de conteúdos dinâmicos que tratam da realidade local e sociocultural. Portanto, na perspectiva de integrar os saberes tradicionais com a educação escolar, procurou-se potencializar elementos que agregam a biodiversidade e a ecologia cultural como um todo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 A fauna silvestre em relatos da história por moradores mais velhos

Os territórios quilombolas assumem um importante papel no que tange à conservação da biodiversidade e preservação das tradições dos etnosaberes, de modo a perpetuar relações de aspectos sociais com a natureza, ressignificando assim o sentimento de pertencimento (HENDLER, *et al.*, 2020; NEVES, 2021; FERNANDES, 2022). Composto essas relações, as peculiaridades dos saberes se interconectam no campo das múltiplas representações, subsidiando os padrões culturais, associados à biodiversidade local (MELO; BARZANO, 2020). Os modos de vida mantêm memórias históricas, enraizadas e perpetuadas entre gerações, principalmente ao promoverem relações com o meio natural, como menciona uma moradora: “a natureza é um lugar para se preservar pra geração” (Maria do Livramento, 56 anos). Neste enfoque, a mesma ao reforçar essa importância, completa: “pra vim de geração a geração, de pai pra filho, de filho pra neto” (Figura 1). Assim, compreende-se que, o Quilombo de Jacarequara possui, em sua constituição sociocultural, elementos que podem sustentar a transmissão dos conhecimentos, proporcionando às novas gerações apropriarem-se dos saberes e fazeres locais ancestrais.

Figura 1- Artesã na limpeza da argila para a fabricação de cerâmicas, com a ajuda do seu neto, em um claro exemplo de transferência de saberes e fazeres entre gerações.



Fonte: Pereira (2024)

Durante a conversação com os moradores mais velhos, percebe-se a proximidade entre diferentes faixas etárias, o que proporciona a observação dos diferentes saberes acumulados ao longo da experiência de vida, onde é possível perceber que estas relações constituem uma estratégia para a construção de espaços que possibilitam a reprodução sociocultural com vistas à estabilidade das práticas locais. Ferreira e Conceição (2023) afirmam que esses espaços possuem fontes históricas possíveis de serem (re)contadas, especialmente por moradores idosos detentores de uma vasta experiência adquirida através das práticas coletivas, sendo estas, transmitidas às gerações futuras. Neste âmbito, percebe-se que, há uma forte ligação entre os moradores de gerações de faixas etárias mais jovens para com os moradores mais anciões do Quilombo do Jacarequara, de modo a haver o compartilhamento de vivências, articulando-as com o cotidiano, estabelecendo assim princípios que norteiam culturalmente os conhecimentos ancestrais, manifestados também no âmbito religioso. Uma realidade presente desde que os africanos foram sujeitos ao processo escravagista. Estes detinham padrões culturais próprios e etnias diversificadas pertencentes aos grupos envolvidos.

Estudos apontam como essas práticas religiosas estão sendo empregadas em entorno das principais influências e representações sociais, como visto no Quilombo Sítio dos Crioulos, localizado em Jerônimo Monteiro/ES, ao compreenderem essa representatividade como fonte identitária e territorial à existência e permanência da história dos afrodescendentes (MACHADO; ROSA, 2022). Assim, é possível restabelecer vínculos de autoafirmação e reconhecimento por meio da questão religiosa, como sendo um patrimônio cultural. Batista

(2023) reitera essa visão como sendo uma construção de valores e pertença à comunidade, com fundamentos constituintes expressando essa pluralidade religiosa através das práticas devocionais, configuradas originalmente pelas crenças e simbologias. Por força de chegada de uma religiosidade que predominava na Europa, ela foi gradativamente sendo assumida pelos quilombolas e demais povos afrobrasileiros, a tal ponto que houve um rompimento com a religião de matriz africana, não mais reconhecida como parte da identidade dos moradores de muitos quilombos (NASCIMENTO, 2021).

De qualquer forma, a construção coletiva sempre se fez presente no Quilombo do Jacarequara, fazendo parte da qualidade de vida e das condições socioambientais, que os moradores mais antigos costumam relatar. Explicita a entrevistada Ivete (Figura 2): “O que tinha antes, era que trabalhavam unido, que chamavam era de companhia”. Esse termo “companhia”, por vezes utilizado, tem grande significância no que diz respeito ao comportamento nas relações conjuntas entre os moradores do Quilombo. Guiados por uma devoção religiosa, as pessoas depositavam sua fé na padroeira da comunidade, realizando ladainhas como forma de agradecimento aos livramentos recebidos durante as atividades realizadas. Dona Ivete, assim afirma:

Nossa Senhora do Livramento era a santa que eles tinham devoção com ela, quando iam fazer o roçado, eles faziam lá a conversa deles que iam fazer o roçado. É roçado, é derrubar, quando derrubavu o roçado, que terminava de todo mundo, eles se juntavu e iam fazer a ladainha, né? (Ivete, 70 anos).

Nota-se que, essas memórias retratam um passado ligado às recordações de um período em que a força da coletividade era considerada um importante exercício nas execuções das atividades. Tal força estava também na divisão das tarefas, como destacado por uma das entrevistadas sobre sua relação com a natureza e animais silvestres: “o que a gente se alimentava era mais de caça do mato, porco, peixe, galinha criada nos quintais, etc.” A mesma, ao descrever os benefícios obtidos, ressalta haver entre as relações de homens e mulheres a segurança da atividade em torno da caça, propiciando o acesso e sustento à alimentação adequada. Enquanto os homens ficavam responsáveis pela prática da caçada, as mulheres eram encarregadas pela preparação das refeições (PEZZUTI *et al.*, 2018). No entanto, homens e mulheres estão intimamente conectados nessa relação, visto que a presença delas é considerada um fator primordial para as caçadas e demais atividades da comunidade, por exercerem funções amplamente importantes à manutenção do bem-estar social e familiar.

Figura 2 – Dona Ivete, 70 anos, uma das entrevistadas.



Fonte: Pereira (2021)

Assim sendo, a figura feminina em quilombos é também destacada por Souza *et al.* (2022), devido ao envolvimento com práticas indispensáveis, seja nos rituais, na busca das caças ou mesmo no acompanhamento dos caçadores. Assim relata uma moradora, ao ser questionada sobre quem costumava preparar a caça como alimento, sendo então:

A mulher. Pra tirar o coró, era o homem, se a mulher não soubesse, mas eu sei, pra mim, tirar coró de preguiça, até de veado, se for pra mim tirar, eu tiro. (Ivete, 70 anos).

As memórias de dona Ivete, são frutos de um processo existencial ligados a uma trajetória cultural de saberes e fazeres tradicionais. Esse sentimento de afetividade se entrelaça a uma histórica transmissão por meio da oralidade, o que é atribuído às gerações, permitindo aguçar a memória quilombola e reforçando a preservação dos elementos culturais (FERREIRA; CONCEIÇÃO, 2023). Por meio dessa ligação, os conhecimentos perpassam as histórias recontadas, dirigindo-se ao modo de vida e relações com o meio. Soares (2021), em estudo na

comunidade de Kalunga - GO, trata os sujeitos como fonte primordial dessa construção identitária, elemento fundamental da permanência histórica de tal grupo social.

Dentro de uma construção identitária desse tipo, ainda relacionadas à preparação das caçadas, outras técnicas de cuidado à carne dos animais silvestres eram adotadas pelos caçadores, já que nem sempre retornavam para suas residências no mesmo dia.

Evidencia-se isto na fala de Raimundo Nogueira,

Lá no mato era nós, ninguém levava mulher, aí fazia um giral assim... Como daqui pra acolá, tirava lenha, aí começava fazer o fogo, estendia a carne por cima, acabava botava folha de açaí, a lenha qualquer pau do jeito que tivesse tava bom, aí tú botava folha por cima, a fumaça vem pertinho assim e sai, não pega quase na comida. (Raimundo Nogueira, 81 anos).

Essa era a forma utilizada pelos caçadores para preparar e conservar os alimentos caçados, mesmo contando com poucos recursos. Assim sendo, seu Raimundo completa: “Tinha vez que a gente não tinha panela, não tinha nada, era assado, aí moqueava e quando era pra trazer, a gente moqueava pra trazer, podia ter cem quilo de carne, assava pra trazer”. Como se percebe pelos relatos dos moradores mais antigos, havia uma relação de dependência alimentar deles para com a fauna silvestre. Mesmo hoje em dia, ela é ainda uma importante fonte alimentar para alguns povos e comunidades tradicionais, mas não faz parte da relação do ser humano com o meio urbano, no qual houve uma redução de tal dependência, causada pela disponibilidade de grande volume de proteína animal com origem da indústria frigorífica (GOMES, 2021; PACHECO, 2022; PINHO; SILVA, 2023). Esse uso corresponde à comercialização em larga escala, o qual ocasiona grandes perdas das espécies faunísticas, já que atividades pecuárias são tidas como importantes fontes de desmatamento.

Contudo, a prática da caça ainda tem papel fundamental dentro dos modos de sobrevivência em Jacarequara, os quais envolvem várias práticas de extrativismo vegetal (Figura 3). Mesmo os quilombolas que hoje em dia têm mais acesso ao meio urbano, demonstram certa dependência de materiais industrializados para confeccionar as ferramentas que consideram adequadas para caça. Assim destaca um dos moradores:

Pro cara ir na cidade pra trazer um quilo de peixe, um quilo de carne, era difícil. Agora, trazer cem gramas de pólvora assim, de chumbo, espoleta, isso não falhava. A gente chegava e ganhava o mato. (Raimundo Nogueira, 81 anos).

Entre os conjuntos de estratégias para a captura dos animais silvestres, considera-se indispensável o uso de ferramentas criadas para a obtenção da caça. Dessas alternativas, a

espingarda segue como suporte universal, possibilitando os caçadores explorarem tais recursos (SOUZA *et al.*, 2022). Para além disso, as técnicas adotadas demonstram muitas eficientes adaptações, que cooperam nessa prática tradicional. Os caçadores utilizam de diferentes técnicas, as quais contribuem para as capturas, sendo empregados métodos como: a caça por espera, o uso de cachorros, iscas, e até mesmo armadilhas, dentre tantas outras técnicas (LOPES *et al.*, 2023).

Figura 3 – Extrativismo do Murumuru (*Astrocaryum murumuru*) no Quilombo de Jacarequara.



Fonte: Pereira (2021)

Ao indagar um morador sobre a importância e motivos que o levavam a tomar os devidos cuidados com suas ferramentas, ele responde: “Porque abaixo de Deus era elas, porque a gente andava com fé em Deus, pra matar uma caça, mais se tú via e a espingarda não prestava, então pronto, nada ia acontecer”. Nota-se que, na fala do Senhor Raimundo Nogueira, as técnicas de captura e fabricações de armas caseiras são tidas como elementos essenciais a serem adotados com intuito de auxiliá-los, assim como, a utilização de plantas medicinais, característica das práticas ritualísticas, rezas e atrativos, que garantiam sucesso durante a caçada. Acerca disso, Santos (2014) relata, em seu estudo sobre o uso das plantas medicinais, ser essa uma prática ancestral, cabendo aos mais velhos possuírem vínculos identitários, sendo, portanto, considerados “guardiões” dos saberes. De maneira similar, Melo *et al.* (2022), explorando as representatividades do Quilombo de Jenipapo, no município de Caxias - MA, percebe haver fortemente a participação dos moradores mais idosos na manutenção da dinâmica dos saberes tradicionais, que costumam retratar costumes e hábitos para diversas pessoas sem distinção ou exclusão, objetivando agregar e manter viva as relações de pertencimento.

Neste contexto, o estudo realizado no Quilombo de Jacarequara busca, acima de tudo, criar mecanismos que integrem e valorizem os saberes existentes, onde estes podem ser revelados às futuras gerações. É possível perceber que, em torno da fauna silvestre, alguns conhecimentos estão sendo mantidos, inclusive no que se refere ao reconhecimento de algumas etnoespécies, mencionadas tanto pelos moradores mais velhos, quanto pelos que ainda caçam. É o caso dos caititus (*Tayassu pecari*), queixadas (*Pecari tajacu*), antas (*Tapirus terrestris*), cutias (*Dasyprocta sp.*), pacas (*Agouti paca*), entre outras.

Durante a conversação com as pessoas mais idosas, foi possível perceber o quanto suas memórias retratam os variados processos sociais e ambientais, tendo em vista as mudanças ocorridas com o passar do tempo, sejam estas perceptíveis na subsistência familiar, nos hábitos alimentares, tradições culturais, como também no exercício da cultura da caça, pesca e tantos outros mecanismos. Frente a essa relação, evidencia-se que os recursos faunísticos compõem a ecologia cultural, sendo base sustentável para a mediação das práticas e a valorização dos saberes e dando condições ao processo de reconhecimento e incorporação das práticas tradicionais pela comunidade.

5.2 A fauna em relatos de moradores que caçam

A potencial relação entre o conhecimento tradicional e o acadêmico, associada às atividades socioculturais, visa integrar os saberes e fazeres locais, de modo a sistematizar os conjuntos de etnoconhecimentos com relação à biodiversidade e à sustentabilidade de determinada cultura. Dessa maneira, as práticas de subsistência garantem condições e técnicas eficazes para a obtenção dos recursos faunísticos, uma vez que possuem um papel relevante na aquisição dos alimentos para as famílias que usufruem desses bens naturais. Menegaldo *et al.* (2012) mostram que saberes relacionados à cultura da caça na comunidade de Tapiíra, situada no rio Unini, Amazônia Central, consiste nas interações ecológicas, socializadas entre os indivíduos, de forma que a aprendizagem deles seja contemplada em decorrência de sua aproximação e acompanhamento nas tarefas cotidianas, ou mesmo na confecção de instrumentos de trabalho, o que consiste no seu primeiro contato com as atividades de caça.

Dentro disso, buscou-se entender como ocorrem as interações dos moradores da comunidade com os que ainda detém do conhecimento ecológico sobre a fauna silvestre e a caça atualmente. Foi possível acompanhar os moradores do Quilombo de Jacarequara que desenvolvem tais atividades. Eles são vistos pela comunidade como agentes multiplicadores, tidos como caçadores experientes a compartilharem suas experiências sobre a prática da caça,

dispondo de hábitos e conhecimentos adquiridos em decorrência das vivências cotidianas. Assim relata um dos respondentes sobre o procedimento utilizado na captura de animais silvestres:

A gente leva a mandioca tanto faz ser dura, como já molhe a gente leva. Acha uma possa de água num igarapé, a gente sobe num garapézinho desses córregos pequeno, acha um poço de água bom, que não seja fundo, que não cubra a mandioca, que não seja correnteza pra tirar, pode botar lá aí ela amolece, aí a caça geralmente que é a paca, a predileta a comida dela, pode botar que a bicha molinha lá, ela pega. Com três quatro dia que ela ta mole, que ela começa cherrar, a caça vem e pega, a gente vai à noite, espera ela e na hora que ela vem, a gente dá um jeito nela. (Nengo, 37 anos).

A capacidade que estes moradores possuem, resulta na reprodução social, que potencializa as práticas socioeconômicas, pois, ao desenvolverem uma diversidade de saberes, contando com seu envolvimento na comunidade e o compartilhamento de suas experiências, promovem e corroboram tal construção. É interessante notar que, assim como sugerido por Lopes e Gisloti (2022), a construção sociocultural em torno da caça detêm uma materialidade e, ao mesmo tempo, uma simbologia. Ou seja, por meio da caça, é possível relacionar aspectos cosmológicos com a garantia do direito à soberania e segurança alimentar.

Assim acontece na comunidade de Pau Furtado, arquipélago do Marajó - PA, onde Sena *et al.* (2021) destacam a predominância dos adolescentes na valorização e preservação da prática da caça e pesca em seu povoado. Nesse caso, bem como em outros semelhantes, integrando práticas ritualísticas, considera-se haver relações significativas entre os conjuntos de valores e os elementos simbólicos, que são específicos a determinados grupos sociais (SILVA; BARROS, 2020).

Dentro disso, em se tratando da relação humano-natureza em Jacarequara, um dos entrevistados em seu relato, discute os padrões e crenças, interligando fatores alimentícios às questões religiosas. Neste universo, salienta que: “Geralmente se preparam, faz um negócio de um banho na sexta-feira e vai pro mato, tem defumação, uma coisa assim, as vezes a caça não tá encostando na pessoa, e o cara faz todo aquele processo e funciona” (Manoel Venil, 42 anos). A caça de animais silvestres, além de possuir grande utilidade na medicina caseira, justifica um momento para se realizar defumação, sendo então fundamental para o caçador, por tratar e retirar todo o “mau olhado”, fazendo com que se tenha sorte e aumente sua “fortuna”. Para além disso, o hábito de se caçar garante ao homem uma potencialidade atribuída ao poder durante a captura da caça. Assim é demonstrado o sentimento de conquista pelo mérito alcançado. “O

melhor da caçada é isso, o esporte. O melhor de nós caçador é que nós quer ver o troféu que é a caça, nosso gosto é matar. Nós gosta de ver o bicho vivo e matar mesmo.” (Nengo, 37 anos).

Esse tipo de atividade, além de ser apreciada como fonte nutricional, valoriza o conhecimento empírico entre o saber teórico-prático, sendo revelados aos praticantes o poder e a sensação de conquista, assegurados por meio das técnicas e do domínio no exercício da caçada. Ou seja, ela perpassa a questão de sobrevivência. Tornando-se prazerosa, em função do poder inerente à caçada (BARBOSA *et al.*, 2020).

Além do que, é importante considerar que essa atividade produtiva promove a melhoria das condições de subsistência das famílias, como também a apropriação dos conhecimentos etnoecológicos. O uso sustentável dos recursos naturais, além de garantir uma alimentação variável, é essencial na organização social, entre os povos indígenas e comunidades tradicionais, que usufruem dessa importante relação com o meio (LOUREIRO *et al.*, 2024; SOUSA *et al.*, 2022). Assim, compreende-se que o papel da caça de animais silvestres, constitui uma representação cultural inestimável, sobretudo na condição dos modos de produção social, empregando uma diversidade de etnoespécies (SILVA; BARROS, 2020).

Dos mamíferos utilizados como base alimentar, em Jacarequara, o tatu é destacado frequentemente. Das espécies, tatu branco (*Dasyus spp.*), tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), caititu (*Pecari tajacu*), queixada (*Tayassu pecari*) e anta (*Tapirus terrestres*) estão entre as mais citadas, sendo que os moradores que caçam consideram que a primeira é a mais apreciada, por seu sabor. Outra caça mencionada pelos entrevistados foi a capivara (*Hydrochaerus hydrochaeris*), comumente capturada, com alta concentração entre os redores da comunidade, especificamente às margens do rio Guamá (Figura 4). Além dessas, outros animais silvestres possíveis de serem capturados são: paca (*Cuniculus paca*), quati (*Nasua nasua*), cutia (*Dasyprocta sp.*) e guariba (*Allouatta sp.*). Estes complementam o cardápio e a manutenção alimentar das famílias. Além dos mamíferos, algumas espécies da avifauna são eventualmente capturadas, como: papagaio (*Amazona sp.*), arancuã (*Ortalis sp.*), mutum e jatuaçú (espécies de Cracidae). O jacaré-açú (*Melanosucus niger*) e jabutis (*Chelonoidis denticulata*) podem ser também caçados. As margens dos rios Guamá e Jacarequara Grande e do igarapé Jacarequarazinho são áreas onde espécies da fauna se concentram mais.

Figura 4 – Margens do rio Guamá, um dos locais onde a fauna se concentra.



Fonte: Moraes-Ornellas (2021)

Segundo relatos, dentre os principais fatores que contribuem para uma boa caçada, a época influencia significativamente durante o processo, podendo ser tanto no inverno ou verão, ambas com suas especificidades distintas, expressadas pelos caçadores quilombolas.

Tem dois períodos durante o ano pra gente caçar, o período do ano do verão é a caçada na espera, na frutera ou a gente diz assim, a varrida, que a gente chama. A gente faz o caminho bem-feitinho e aí varre tudinho a folha do chão pra ficar bom da gente pisar a noite, aí liga a lanterna vai só piscando assim, no escuro. Escuta a caça pisar, a gente vai todo tempo atalhando. A gente que é caçador sabe onde ela anda, sabe onde tem rastro, onde tem mexido nela. (Nengo, 37 anos).

Sempre a gente tem de entrar cedo, com cachorro no verão tem de ser cedo. No inverno o horário que você entrar é hora, pela parte da tarde, mais sempre a parte da caçada é pela parte da manhã. (Mira, 56 anos)

Considerando o período ideal para esta prática, os caçadores adequam-se aos diferentes locais, com métodos e habilidades pessoais que otimizam o sucesso da caça. Os padrões relacionados à sazonalidade, além de possuir grande influência na atividade, contribuem consideravelmente na obtenção dos animais disponíveis (SANTOS,2022). Hábitos preferencialmente adotados em decorrência aos fatores de clima e tempo e a comportamentos

da fauna observados, diferem entre os períodos, tanto diurno, como noturno, de modo a favorecerem na operação (REIS *et al.*, 2021).

Esses conhecimentos demonstram a eficácia da observação dos que caçam, ao compreenderem a ocorrência dos animais em determinadas áreas, onde a concentração deles é considerada maior. Como parte dessas práticas, locais adequados para servirem de habitat ou mesmo resquílios alimentares podem ser úteis na localização de animais (ARAÚJO, 2022). Isso se dá principalmente pela relação do homem/caçador com o meio natural, pois, ao trilhar pela floresta, deparam-se com indicadores, podendo estes serem: pegadas, fezes, ninhos, restos de frutas, dentre outros vestígios identificados. A experiência de seu Chico demonstra o quanto seu conhecimento é eficaz, resultando conhecer os locais por meio:

Das pegadas deles né, aonde a gente anda que encontra o rastro deles, os vestígios, que eles vem se alimentar fica os caminhos deles, fica as pegadas donde ele vem se alimentar, se for um bicho roedor, se for um tipo de fruta ele vai roer, vai ficar a marca dos dentes dele naquelas frutas, vai ficar o restante daquela comida que ele comeu ali, e se for um animal que não roeu, mais fica as pisadas dele lá, as pegadas dele fica lá, ele tem que deixar vestígio dele ali. (Chico, 47 anos)

A captura, por sua vez, se constitui em conjuntos de técnicas empregadas na obtenção de espécies-alvo (MERCÊS *et al.*, 2021; PINHO; SILVA, 2023). Para além disso, o uso de estruturas artesanais consideradas importantes ferramentas facilitam estas práticas, ampliando assim, as transformações de cunho exploratório (COSTA, 2023). Como explicita o morador Nengo: “O cara vai pra negócio de espera, tem fruteira, comedia, a gente faz ceva de mandioca, aí a gente já mata bem, tem matado”. Ele ainda completa, demonstrando outro método comumente utilizado:

O moitar, tu faz a amarrada no pau, pega dois paus, faz de conta que é aqui, tú arruma um por cima, um por baixo, aí tu senta encima, aí amarra um por baixo pra te colocar o pé encima, e aí tu fica lá sentadinho, bem sentadinho lá. Faz de conta que aqui é a comidia dele, aí tu fica lá sentadinho, no verão tu escuta distância, tu sabe quando ele tá aqui debaixo da árvore, que o foco é limpo, tu foca nele é celado. (Nengo, 37 anos).

É possível observar tamanha habilidade e saberes tradicionais acumulados. Assim completa o morador Manoel Venil:

A gente identifica pelo mato, observando debaixo das árvores, do mato como é que ele tá, ele deixa fragido, a gente chama fragido. O fragido é como se tivesse galinha no quintal e quando ela cisca, arranha por exemplo, ver se alguma alimentação ta ruidosa e tal, aí é o fragido de caça, ta fragido. E se tiver novo, por exemplo o fragido, melhor ainda, que o bicho ta andando naquela parte diretamente. (Manoel Venil, 42 anos).

Segundo os caçadores, o fator lunar possui grande influência nesta atividade, associando às dimensões ecológicas que variam de acordo com o período do ano.

Geralmente a gente mata muita caça a noite, depois da lua cheia, que a lua enche, faz ela grandona e já começa fazer escuro, aí já começa matar caça. Porque geralmente no luar a gente não mata nada, que ela fica luar, a caça sai mais tarde ou não sai também pra comer, porque já ta muito luazão, muito claro, aí encheu a lua, começou fazer aquele escurinho, pode ir, a lua saiu, pronto, pode vir cimbora que acabou a caçada, não tem mais. É a ciência nossa de caçador, que nós que caça, a ciência é essa. (Nengo, 37 anos).

Neste âmbito, a fauna silvestre desencadeia um importante processo de representatividade cultural, ao desempenhar função de uso e, ao mesmo tempo, por estimular a conservação dos recursos naturais, bem como a manutenção da comunidade quilombola, o que está ligado à soberania e segurança alimentar. É perceptível a forte relação de algumas famílias do Quilombo de Jacarequara com o meio, considerando ser uma “ciência” os saberes tradicionais adquiridos cotidianamente. Durante o trabalho de campo, pode-se perceber o grande conhecimento geográfico, ecológico e cultural que os caçadores têm associado à atividade de caça para subsistência. Tal tipo de conhecimento deve ser aplicado ao ensino nas escolas de educação culturalmente diferenciadas, para que o conhecimento tradicional não se perca, já que ele se mostra tão importante para a conservação da flora e da fauna (MORAES-ORNELLAS, 2020, 2023).

5.3 Relato de Experiência no Ambiente Escolar

A educação é uma ferramenta essencialmente indispensável na construção e desenvolvimento de todo e qualquer indivíduo dentro da sociedade. Nesse processo de ensino-aprendizagem, quando ele ocorre dentro de uma comunidade tradicional, é necessário abordar os variados saberes e ensinamentos culturais que pertencem a ela tradicionalmente. Um bom exemplo de processo que envolve os saberes e fazeres da comunidade é descrito para o Quilombo Vale do Ribeira - SP, onde a formação escolar e dos cidadãos locais os possibilita a preservarem a diversidade local e a sustentabilidade, valorizando as práticas tradicionais, em virtude de metodologias educacionais empregadas pelos moradores (FONSECA, 2014).

Pensando na possibilidade de desenvolver também ações com finalidade educacional em torno da biodiversidade e sustentabilidade do quilombo, buscou-se realizar uma atividade teórico-prático na escola São Lucas, envolvendo as turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. A escola está localizada dentro do Quilombo de Jacarequara. A intenção da

atividade foi promover a integração dos conhecimentos científicos e tradicionais, assegurando o contato direto das crianças com o contexto local e a interdisciplinaridade nos espaços educacionais. Afinal, sabe-se que a escola se fundamenta como o lugar de aprendizagem e socialização entre os membros, de modo que estes adotem práticas responsáveis e posturas que assegurem ações diretamente ligadas ao meio ambiente (MEDEIROS *et al.*, 2011).

Inicialmente, propôs-se uma dinâmica com os discentes na área externa da unidade escolar, permitindo um olhar investigativo, aproximando-os à realidade, e contemplação da paisagem sociocultural (Figura 5). Logo após, todos foram direcionados para a sala de aula, dando sequência às atividades propostas, quando se fez o acompanhamento necessário do que estava sendo aplicado. Esta etapa consistia na tentativa de gerar uma visão mais ampla do assunto tratado. Trata-se de uma etapa na qual o educador se insere como um facilitador, garantindo aos discentes uma visão interdisciplinar, por meio de ações e métodos eficazes (COELHO; PAVAN, 2022; FELIX, 2024). De acordo com o que foi proposto, cabe ressaltar que a metodologia aplicada fez menção às práticas do cotidiano das crianças, possibilitando agregar valores, incorporados às observações.

Ao serem instruídos para a etapa posterior, o intuito era também de deixá-los à vontade, de modo a dar espaço para a desenvoltura e total engajamento deles nos procedimentos. Para isso, optou-se pela distribuição de algumas figuras impressas de diferentes espécies de animais silvestres que ocorrem no território, as quais foram selecionadas a partir dos resultados obtidos com os entrevistados que ainda caçam na comunidade. Além desses, foram incluídas também figuras de animais domésticos. O intuito foi de compreender o que as crianças sabiam a respeito do assunto, considerando as classificações delas para animais silvestres e domésticos.

Figura 5 – Atividade na área externa da escola do Quilombo Jacarequara.



Fonte: Pereira (2023)

Essa mediação ocorreu de forma processual, sendo uma importante estratégia de avaliação, possibilitando conhecer seus conhecimentos e habilidades relacionados à referida temática. Partindo das indagações, foi possível perceber quais etnoespécies da fauna eles conheciam e, dependendo da necessidade, sempre se apresentavam alguns conceitos, explicando de forma objetiva e procurando trazer exemplificações do cotidiano para melhor abordagem.

Atividades pedagógicas como esta são importantes recursos estimuladores no crescimento e na reestruturação das práticas de ensino, que tornam possível a ampliação do uso de conceitos dentro da sala de aula (SOUZA; SANTOS, 2022). O contato com as figuras das etnoespécies permitiu uma atenção mais aguçada dos discentes, que puderam perceber a diversidade característica da fauna silvestre que existe no quilombo, mesmo que de forma superficial. Foi um momento bastante entusiástico, que permitiu aos educandos a troca de conhecimentos com seus colegas, a exposição de curiosidades, o compartilhamento de experiências, e o relato de situações vivenciadas no seu dia a dia, como histórias e lembranças de terem visto determinados animais na comunidade. Alguns lembraram que a caça é uma atividade cultural praticada pela própria família, pois, conforme citaram, eles comumente veem pais, irmãos, tios, entre outros moradores do Quilombo praticarem tal atividade; ou mesmo teve os que puderam acompanhá-los em caçadas.

Figura 6 – Gravuras de animais distribuídos para os discentes da escola.



Fonte: Pereira (2023)

Os conhecimentos acumulados por povos e comunidades tradicionais são repassados de geração a geração, sejam por fatos, observações e principalmente através da oralidade. Sendo, portanto, um conjunto de significações, as quais refletem nas memórias e identidades, além de contextualizarem o território como espaço de conexão e tradição cultural (SOUZA *et al.*, 2022). Tornando a atividade na escola mais prática, procurou-se discutir e ampliar os conhecimentos específicos por meio artístico, especificamente na criação de desenhos. Isso possibilita aos discentes desenvolverem livremente concepções acerca da paisagem sociocultural, bem como caracterizar os animais silvestres e demonstrar as principais variações da ação antrópica (RIBAS; OLIVEIRA, 2023). Assim, foram disponibilizados aos estudantes materiais dos seguintes tipos: folhas de papel sulfite (tamanho A4 e cor branca), cartolina, tinta guache e lápis de cor. Esse foi o material utilizado para a confecção dos desenhos (Figura 7). Como já se sabe, a aplicação de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem de Ciências potencializa o desenvolvimento do educando, estimulando além de um pensamento crítico, o aperfeiçoamento das habilidades interpessoais, atreladas à consciência ambiental (LUZ, 2021; GOMES; RIBEIRO, 2023).

Visando estimulá-los ainda mais, na medida que concluíam os desenhos, eles eram grampeados no barbante, denominado de “varal expositivo”, sendo possível obter, dessa forma, melhor visualização da produção artística dos estudantes.

Considerando a importância de cada etapa da atividade, entende-se que ela dava seguimento ao processo formativo, potencializando a prática pedagógica. Com tal finalidade, a aula foi concluída com a participação dos alunos das turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino

Fundamental, acompanhados da Professora responsável, Maria Ivanilza. Os discentes visitantes puderam prestigiar os trabalhos dos colegas, que os acolheram e apresentaram os resultados, realizando assim, uma atividade específica que consistia em preencher um mural com as figuras dos animais domésticos e silvestres, respectivamente. Tratou-se de um momento crucial a favor dos alunos, os protagonizando como importantes idealizadores do processo de ensino-aprendizagem (DAMIANO; REZENDE, 2021; PEREIRA; SIMAS, 2023).

Figura 7 – Discentes desenhando animais silvestres, como parte da atividade proposta.



Fonte: Pereira (2023)

Observando a desenvoltura dos educandos, ficou perceptível o entendimento do que foi trabalhado, pelo fato de eles terem compartilhado o que aprenderam com os colegas, experiências essas obtidas com base nas teorias e práticas, bem como nos saberes tradicionais da comunidade. Isso corrobora com o que se compreende sobre a formação da cidadania por meio da educação, revelando uma prática educativa consciente, que materializa as relações culturais construídas coletivamente (BORGES *et al.*, 2021). Aplicando de tais conceitos na educação quilombola, a escola pode contribuir com a estruturação da comunidade em torno da diversidade de saberes e de valores pautados na preservação dos recursos naturais e na promoção de uma educação inclusiva, que contempla em seu currículo as histórias, os costumes e as tradições existentes no quilombo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa oportunizou um estudo acerca das relações dos moradores do Quilombo de Jacarequara, Santa Luzia do Pará, com os padrões relativos à fauna silvestre. Percebe-se haver uma grande potencialidade nas práticas tradicionais, que se conectam com o espaço pertencente ao território, na qual se diversificam as representações sociais. Essa relação entre o ser humano e a natureza reflete significativamente nas ações que os grupos sociais possuem com os recursos faunísticos, estabelecendo atribuições aos etnosaberes e às transformações que sustentam as práticas locais.

Por meio desse contato, se evidenciou que, no Quilombo do Jacarequara, ainda se preservam determinadas tradições advindas dos ancestrais, sejam estas relacionadas à religiosidade, sejam às práticas da caça e pesca, reconhecidas como fonte primordial e indispensável na subsistência das famílias e para a manutenção da biodiversidade e a conservação da natureza e da diversidade biocultural. Com efeito, os hábitos alimentares das famílias Quilombolas resultam, em alguns casos, da prática da caça de animais silvestres, o que é bastante favorável à manutenção das condições de sobrevivência e da segurança nutricional. Mesmo diante dos agravantes ambientais que ameaçam as espécies faunísticas, é possível perceber que existem padrões comportamentais da comunidade voltados à produção agrícola, criação de pequenos animais e ao uso de recursos da caça que podem ser considerados sustentáveis, desde um ponto de vista ecológico.

O tratamento dado à questão na rede de ensino, em uma escola pública, através de atividade desenvolvida com as turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, foi de grande importância, ao contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, seguindo uma abordagem teórico-prático, porém, baseada em saberes e fazeres tradicionais quilombolas, facilitando e contextualizando o entendimento dos estudantes. Ao mesmo tempo, percebe-se haver uma fragilidade envolvendo a carência de conteúdos que caracterizem um currículo voltado aos saberes tradicionais da própria comunidade, como mencionado por um dos entrevistados. Considera-se, portanto, que além de implementações pedagógicas, é necessário haver ações de políticas públicas que atendam as demandas em diversos aspectos no Quilombo.

Em suma, este estudo atendeu os objetivos da pesquisa, que envolvem acima de tudo o conhecimento da trajetória da luta quilombola, seus modos de vida; e o processo de autorreconhecimento, em busca da garantia por direitos. A pesquisa se deu em torno de um recorte importante, que diz respeito ao direito à preservação da terra, da biodiversidade e das tradições ecológicas e socioculturais, que integram condições, as quais garantem a conquista de uma vida digna e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. R. N; GONÇALVES, R. B. M; VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, v.5, n. 3, p. 394- 416, 2012.

AVIZ, M.F. **Saberes e práticas tradicionais sobre recursos faunísticos e cultura alimentar na comunidade quilombola do Jacarequara, município de Santa Luzia do Pará, Amazônia Oriental**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Belém, 2022.

ANJOS, R. S. A. O espaço geográfico dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil. **Revista Brasil Extensão Universitária**, Rio de Janeiro, v.1, n.1 p. 52-57, 2003.

ARAÚJO, Thaís Fátima Assis de. Quilombando: reflexões e transformações a partir de vivências em comunidades quilombolas. **Revista Coletivo SECONBA**, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2020.

BARBOSA, R. V. S. **A relação entre o homem e o animal silvestre: uma percepção dos moradores do assentamento da Arapuã, Nordeste Paraense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA, Capitão Poço, 2020.

BARBOSA, J. A. A.; ALVES, B. C. F.; AGUIAR, J. O. Ambiente e memórias acerca da caça em áreas protegidas da Floresta Atlântica. **Novos Cadernos NAEA**, v. 23, n. 3, p. 33-55, 2020.

BARBOSA, J. A. A.; NOBREGA, V.A.; ALVES, R. R. N. Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido Paraibano. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 10, n. 2, p. 39-49, 2010.

BORGES, L. S.; SILVA, J. B. C.; RODRIGUES, D. S. Educação Ambiental e Cultura Quilombola: entre ausências de políticas públicas e práticas de resistência. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 16, n. 1, p. 430-449, 2021.

CASTRO, A. K. G.; SOUZA, F. T. A.; RIBEIRO, L. P. D. Educação escolar quilombola: uma relação entre o ensino de ciências e as vivências ancestrais. **REAMEC-Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 12, p. e24036-e24036, 2024.

COELHO, E. G.; PAVAN, R. A formação do professor-pesquisador na Licenciatura em Ciências-Biologia e Química: a percepção de professores e licenciandos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 19, n. 59, p. 229-253, 2022.

CUNHA, M. C.; MAGALHÃES, S. B.; ADAMS, C. (Org.). Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2021.

CUNHA-JUNIOR, H. A. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 129, p. 158-167, 2011.

DAMIANO, M.; REZENDE, M. O. O. A transversalidade das ciências ambientais na alfabetização científica: o aluno como protagonista na construção do conhecimento. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 57302-57313, 2021.

DIEGUES, A. C. **A ecologia política das grandes ONGs transnacionais conservacionistas**. São Paulo: Nupaub/USP, 2008.

D'AGOSTINI, Maria Stella Martins Silva. Territorialidades: uma perspectiva sobre a cidadania Quilombola. Élisée, **Rev. Geo. UEG – Porangatu**, v.9, n.1, e912004, jan./jun. 2020.

FELIX, J. F. C. **Diversidade e prática docente quilombola**: interlocuções entre o ensino de química e a Educação Intercultural. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemáticas). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

FERNANDES, L. M. **Territorialidade, história, condições de vida e saúde em comunidades quilombolas amazônidas**: o caso de Umarizal Beira, Baião, Pará. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2022.

FERREIRA, S. B.; CONCEIÇÃO, A. F. S. O Papel da população idosa na manutenção cultural das comunidades quilombolas. **Revista Formadores**, v. 16, n. 3, 2023.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F.B. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 36, s/n, p. 223-237, 2016.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B. Caçar, preparar e comer o ‘bicho do mato’: práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, v. 11, n. 3, p. 691-713, 2016.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F.B. “A comida que vem da mata”: Conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na reserva extrativista Ipaú-Anilzinho”. **Fragmentos de Cultura**, v. 25, n. 2, p. 193-212, 2015.

FONSECA, D. J. Protagonismo quilombola: seus sujeitos e seus saberes influenciando a educação. **Comunicações**, v.21, n. 1, p. 107-119, 2014.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: Uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 106-115, 2014.

HENDLER, V. M.; OLIVEIRA, L. D.; SILVA, V. L.; SILVA, Q. M. S. Biodiversidade, territorialidade e autonomia. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 34770-34781, 2020.

LEITE, I. B. Territórios de Negros em Área Rural e Urbana: algumas questões. **Textos e Debates. Terras e Territórios de Negros no Brasil**, v. 1, n. 2, p. 39-46, 1991.

- LUZ, D. T. **Reflexos do tráfico de animais silvestres a biodiversidade brasileira.** Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2021.
- MACHADO, J. M.; ROSA, W. P. Religiões brasileiras de matriz africana: um estudo das representações sociais a partir da religiosidade da comunidade quilombola do Sítio dos Crioulos em Jerônimo Monteiro/ES. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 20, n. 2, p. 234-253, 2022.
- MALCHER, M. A. F. **A Geografia da Territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé-açu:** o caso da Arquinec– Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará. (Trabalho de Conclusão de Curso). CEFET, Belém. 2006.
- MARQUES, A. S.; BERNARDES, B. M.; BORSAGLI, A. A política patrimonial e as comunidades quilombolas no Vale Médio do Rio São Francisco – MG. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 29, n. 43, p. 234-272, 2022.
- MARQUES, C. E. De quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico. **Revista de Antropologia**, v. 52, n. 1, p. 339-374, 2009.
- MASCARENHAS, Ana Débora Costa do Nascimento; SANTOS, Arlete Ramos dos; MASCARENHAS, Paulo Sérgio Monteiro. Educação quilombola: saberes ancestrais e identidade cultural. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 21, 2024.
- MELO, A. F; FIGUEIREDO, L. S.; ALMEIDA-NETO, J. R. A.; BARROS, R. F. M. Tradições e saberes do povo do quilombo Jenipapo, Caxias – Maranhão. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e16511931632, 2022.
- MELO, M. F. T. **As apreensões do universo da caça: uma etnografia entre os quilombolas do bairro Alto, Ilha do Marajó/PA.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- MENEGALDO, L. R; PEREIRA, H. S; FERREIRA, A. S. Os bichos e os homens: interações socioculturais com a fauna silvestre em uma comunidade amazônica. **Somanlu**, v, 12, n.1, p. 61-82, 2012.
- MERCÊS, J. M. M.; FERREIRA, B. O.; SANTOS, G. S.; SANTOS, I. R.; VIANA, D. C.; COSTA, J. F. Aves silvestres e suas relações com homens no Cerrado Leste Maranhense, Brasil. **ETNOBIOLOGÍA**, v. 19, n. 2, p. 62-78, 2021.
- MORAES-ORNELLAS, V. S. Ecologia e conservação de porcos-do-mato no conhecimento tradicional indígena: uma abordagem da Etnociência na Educação. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 8, n. 3, p. 164-175, 2020.
- MORAES-ORNELLAS, V. S. Aprendendo lições de conservação da floresta com naturalistas tradicionais da Amazônia: pesquisa ecológica na práxis docente. **Revista Bio-grafia. Escritos sobre la Biología y su enseñanza**, n. ex., p. 441-448, 2022.

MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. B. Etnoconservação de morcegos em Unidades de Conservação de uso sustentável da Amazônia brasileira. **Biodiversidade Brasileira**, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2023.

MORAES-ORNELLAS, V. S.; SANTOS, I. L. S.; FERNANDES, M. B. Ecologia cultural da Comunidade Quilombola do Torres, Tracuateua – PA. **Revista GeoAmazônia**, v. 11, n. 22, p. 117-143, 2023.

NASCIMENTO, J. S. Raízes quilombolas do Sapê do Norte: assentando a identidade ancestral no quilombo São Cristóvão e Serraria (São Mateus – ES). **Em Favor de Igualdade Racial**, v. 4, n. 2, p. 127-142, 2021.

OLEGÁRIO, M. **Saberes sobre as práticas de caça no quilombo Pedro Cubas, Vale do Ribeira, SP**. Dissertação (Mestrado em Conservação da Fauna). São Paulo, Universidade Federal de São Carlos, 2023.

OLIVEIRA, A. C. M.; CARVALHO-JUNIOR, O.; ROSE, C. Gestão participativa e a atividade de caça na reserva extrativista do Tapajós - Arapiuns, Santarém, PA. **Raízes**, v. 23, n.1, p. 42-51, 2004.

OLIVEIRA, F. **O perfil socioeconômico dos caçadores de animais silvestres do município de São Bernardo**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais). Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2018.

OLIVEIRA, P. A.; PEIXOTO, A. C. S. A importância da memória para a (re)construção da identidade quilombola: a experiência do Quilombo da Rua de Palha (Itororó/BA). **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. ed. esp., p. 711-733, 2020.

PACHECO, D. F. **Consumo de carne de animais silvestres entre jovens no estado do Amazonas, Brasil: Magnitude e Fatores associados**. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos) - Universidade Federal do Amazonas, 2022.

PEREIRA, A. B. C.; MORAES-ORNELLAS, V. S. Levantamento Ecológico Cultural na Comunidade Quilombola de Jacarequara, Santa Luzia-PA. In: DIAS, M. P.; FORMIGOSA, M. M. (Orgs.). **Etnodiversidade: 10 anos de luta por uma Universidade plural**. Altamira: FACETNO, 2022. p. 96-110.

PEREIRA, A. B. C.; MORAES-ORNELLAS, V. S.; ORNELLAS, R. B. Cartografia da fauna silvestre em um território quilombola do nordeste paraense. In: SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS, 3., 2022, Altamira – PA. **Anais...** Altamira: UFPA, 2022, p. 20.

PEREIRA, L. B.; SIMAS, H. C. P. **Educação escolar e saberes tradicionais quilombolas** [recurso eletrônico]. Manaus/AM: EDUA, 2023. 296 p. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/handle/123456789/7333>. Acesso em: 6 jun. 2024.

PEZZUTI, J.C.B; ANTUNES, A. P; FONSECA, R; VIEIRA, M. A. R. M; VALSECCHI, J; RAMOS, R. M; CONSTANTINO, P. A. L; CAMPOS-SILVA, J. V; DURIGAN, C. C; REBÊLO, G. H; LIMA, N. A.S; RANZI, T. J. D. A Caça e o Caçador: uma Análise Crítica da

Legislação Brasileira sobre o Uso da Fauna por Populações Indígenas e Tradicionais na Amazônia. **Biodiversidade Brasileira**, v. 8, n. 2, p. 42-74, 2018.

PINHO, R. E. O.; SILVA, T. L. Caracterização da caça em comunidades rurais no rio Valparaíso, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 14, n. 4, p. 16-28, 2023.

PIMENTEL, Sâmia Maírla Viana; SOUZA SILVA, David Junior de. Resistência e liderança da mulher negra: um estudo na comunidade quilombola São José de Icatú em Mocajuba-PA. **Nova Revista Amazônica**, v. 10, n. 1, p. 161-175, 2022.

RIBAS, J. O.; OLIVEIRA, S. K. S. Ensino de ciências para aluno surdo do 3º ano do Ensino Fundamental I em uma escola municipal de Boa Vista/Roraima. **Ensino de Ciências**, v. 2, p.358-382, 2024.

RIBEIRO, A. S. S.; PALHA, M. D. C.; TOURINHO, C. W. W.; SILVA, A. S. L. Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará. **ACTA Amazônica**, v. 37, n. 2, p. 235 – 240, 2007.

SALOMÃO, F.V.; CASTRO, C. V. A identidade quilombola: Territorialidade Étnica e Proteção Jurídica. **Cadernos do programa de Pós- Graduação em Direito-PPGDir./UFRGS**, v. 13, n. 1, p. 236-255, 2018.

SANTOS, L. M. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus, Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. 243- 256, 2014.

SANTOS, I. L. S. **Estudo integrado de ecologia cultural na Comunidade Quilombola do Torres, Tracuateua – PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade Federal do Pará, Bragança-PA, 2022.

SANTOS, W. A. A. **Ecologia humana e ecologia cultural: um estudo comparativo entre Portugal e Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

SANTOS, Emerson Cristiano Rodrigues; THESING, Neandro Vieira; SCHORR, Janaína Soares. Comunidades Quilombolas no Brasil: da resistência à escravidão à conquista do direito à terra previsto pela Constituição Federal de 1988. **Campos Neutrais-Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, v. 5, n. 3, p. 56-75, 2023.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: Identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente e Sociedade**, v.5, n.10, 2002.

SENA, R. F.; OLIVEIRA, M.A; ROMAGNOLI, F. C; COSTA-RODRIGUES, A. P.V. O uso da fauna e flora por comunidades quilombolas do Arquipélago do Marajó, Pará. **Ethnoscientia**, v.6, n.3, 2021.

SILVA, D. O. Os desafios da posse da terra para os patrimônios alimentares de quilombos em Goiás. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, v. 3, n. 2, p. 8-22, 2022.

SOUZA, J. M.; LANDIM, A. S.; FERREIRA, F. S. A caça e fatores que influenciam o uso de espécies cinegéticas: uma revisão. **Ethnoscientia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 3, p. 36-61, 2022.

SOUZA, J. V. O.; FIGUEIRÊDO, L. S.; VIEIRA, F. J.; MACEDO, E. M.; ARAGÃO, J. A. A caça de animais na comunidade Quilombola Custanheira, em Paquetá do Piauí: Entre mitos e crenças. **Revista Científica do Centro de Estudos Superiores de Parintins**, ano 5, n. 6, p. 17-38, 2020.

SILVA, V. P.; GARROTE, M. S.; DAMBROWSKI, V.; SANTOS, G. F.; SEVERINO, J. R. Quilombo do Morro do Boi (Balneário Camboriú- SC): relação histórica entre a comunidade e o meio ambiente. **Rista Identidade**, v.15, n. 2, p. 2010.

TEXEIRA, J. V.S. **Caça e usos dos animais silvestres na região do Parque Estadual Serra do Conduru- PESC, Bahia, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

TRINCA, C. T. **Caça em assentamento rural no Sul da floresta Amazônica**. Dissertação (Mestrado em Zoologia). Belém, Universidade Federal do Pará, 2004.

VASCONCELOS, A. C; JOB, S. M. Quilombo de Jacarequara: Recriando sua história. In: COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB, 1, 2014, Belém. **Anais (...)**. Belém: FALE/CUMB, 2014. Disponível em: https://coloiodeletras.ufpa.br/downloads/i-coloquio/anais/5_VASCO.pdf. Acesso a: 26 jun., 2024.